

Ney, a construção e a confrontação de uma identidade: o Matogrosso

*Ney, construction and confrontation of a identity: the
Matogrosso*

Danilo Postiguel

Mestrando em Comunicação e Práticas de Consumo na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/SP) e professor de Comunicação Social das Faculdades Integradas Alcântara Machado e Faculdade de Artes Alcântara Machado (FiamFaam).

Resumo

Este trabalho busca entender como o consumo serve para a construção e/ou afirmação de identidades, tendo como objeto de análise o cantor Ney Matogrosso. Com o objetivo de entender como esse cantor propôs, na década de 1960, uma ativação que buscasse contestar um pensamento, até mesmo um padrão de masculinidade para a época. Além de leituras acerca de identidade e consumo, é pertinente para essa discussão um debate acerca de ética e moral. Percebeu-se, assim, como o consumo e o ato de viver uma vida fora dos padrões típicos de um determinado grupo corroboram para a exclusão e o não reconhecimento de determinados indivíduos.

Palavras-chave: identidade; consumo; comunicação; ética; moral.

Abstract

This work seeks to understand how the act of consuming constructs and/or affirms identities, having as an object of analysis the singer Ney Matogrosso. In order to understand how the singer proposed, in the 1960s, an activation that sought to challenge a thought and even a standart of masculinity at that time. In addition to the readings of identity and acts of consuming, it is importante to the discussion a debate about ethics and morality. It was noticed how the act of consuming and living out of standarts confirm the exclusion and the non-recognition of certains individuals.

Keywords: *identity; act of consuming; communication; ethics; moral.*

Introdução

Em 1973, despontava na cena artística brasileira a banda Secos & Molhados, composta por João Ricardo, Gerson Conrad e o iconoclasta Ney de Souza Pereira, posteriormente, Ney Matogrosso.

Do trio, Ney, o vocalista, era o que mais destoava dos padrões artísticos, por assim dizer, de uma banda masculina. Com um jeito tresloucado, o figurino transgressor e a voz aguda de contratenor, causava *frisson* por onde passava (QUEIROZ, 2009).

Toda essa manifestação artística poderia ter passado despercebida, caso não fosse levado em consideração o delicado e concomitante momento político por que atravessava nosso país. De início, o regime militar, instaurado em 1964 (e que perduraria até meados da década de 1980), foi seguido pela imposição do AI-5 (poucos anos antes da constituição da banda), ato que cerceou alguns direitos civis, e principalmente, direcionou “suas forças de repressão e censura em direção aos setores ligados à cultura em geral” (FAUSTO apud QUEIROZ, 2009, p. 41), entrando no meio do caminho, portanto, do momento de efervescência político-cultural do país.

Ainda nesse período, e recebendo as influências do movimento da contracultura, surgia no Brasil o Movimento Tropicalista da Canção (QUEIROZ, 2009), que, de forma velada ou não, transgredia alguns valores morais impostos e/ou reforçados pelo regime militar, vindo, posteriormente, a inspirar o cantor Ney Matogrosso.

Em meio a toda essa efervescência político-sociocultural, despontava no cenário nacional a banda Secos & Molhados, com a figura ímpar de Ney Matogrosso. Com relação a Ney, dois pontos chamam a atenção, falando desde o surgimento, até mesmo alguns anos após sua saída do grupo. Em primeiro lugar, a indumentária usada pelo cantor em suas apresentações, principalmente, o ato de pintar todo o rosto com cores fortes, que mascaravam a pessoa por trás daquele personagem. Segundo algumas entrevistas concedidas (NEY, 2013; MUNIZ, 2008), Ney enfatizava a necessidade de se esconder atrás de um personagem pelo simples boato e consequente medo de o estrelato não permitir que andasse livremente pelas ruas.

Em segundo lugar, em entrevista concedida a Marília Gabriela, no programa *Gabi quase proibida* (2013), do canal televisivo SBT, ao ser indagado sobre sua sexualidade no palco, Ney, além de afirmar que aquilo era algo nato, disse também ser uma forma de confrontar o que acontecia em nosso país, principalmente pelo fato, na concepção do cantor, de o homem não poder ter sensualidade.

Pensando nessa contextualização, estaria Ney Matogrosso propondo uma ativação, até mesmo uma resistência, que buscou contestar um pensamento hegemônico e/ou padrão de masculinidade da época? Para entender essa questão, o recurso usado foi o de pesquisa bibliográfica, alicerçada nas

discussões acerca de consumo, comunicação, identidade, ética e moral. A investigação busca entender o papel dos meios de comunicação, corroborando de forma positiva ou não, para essa ativação, assim como o debate acerca dessa ruptura/contestação de valores, mediante o contexto sociocultural da época.

O consumo como pilar para a criação e/ou proteção de uma identidade

Ney não era enigmático somente em suas melodias. O ar de mistério pairava antes mesmo de o cantor subir ao palco. Suas apresentações, transgressoras para a época, mostravam *um personagem* destoante do habitualmente encontrado nos palcos do país. Segundo o próprio Ney, o uso de todos aqueles objetos era, na realidade, para proteger a identidade da pessoa por trás daquele personagem.

[...] Fiz aquela máscara na época do Secos & Molhados para me proteger. Foi intencionalmente. Eu ouvia dizer que artistas não tinham vida particular. Como assim? Eu não ia poder mais andar na rua? Então, fiz aquela máscara para proteger a minha identidade. Funcionou por muito tempo. Eu ia à praia e ficava ouvindo comentários sobre aquele homem que se requetava todo no palco. E eu ao lado das pessoas, só escutando (risos) (MUNIZ, 2008).

Vale ressaltar que eram identidades protegidas e criadas com alicerce no consumo de objetos materiais. Nesse aspecto, Campbell (2006) justifica a atuação de objetos de consumo na confirmação e/ou construção da identidade. Segundo o autor:

Existe um tópico no qual é relativamente fácil perceber a conexão entre os dois [objeto de consumo e assuntos metafísicos], e este está relacionado ao tema da identidade. Essa é a questão central de muitas discussões sobre o consumismo moderno, nas quais frequentemente se dá ênfase ao significado de consumir em relação à afirmação, à confirmação, ou até mesmo à construção da identidade (CAMPBELL, 2006, p. 49-50).

Ainda nessa perspectiva, ao considerar a relevância do consumo na construção das identidades, Rocha (2008, p. 125) enfatiza a importância de um olhar “para além dos objetos e serviços gerando sofisticadas e intensas articulações entre o campo simbólico e aquele especificamente mercadológico”, propondo articular, assim, imagens midiáticas e o universo imaginário nessa construção identitária.

Tanto as contribuições de Campbell quanto as de Rocha buscam apresentar uma esfera temática muitas vezes renegada no campo científico, principalmente com relação à ideia de um consumo tanto material quanto simbólico – especialmente o que este consumo representa na demarcação de uma identidade.

Baudrillard (2010), em *A sociedade de consumo*, menciona essa ideia e importância do consumo além do objeto propriamente dito. Ressalta, principalmente, a distinção que determinados signos podem gerar no sentido tanto de inclusão (pertencimento) quanto, até mesmo, de exclusão. Nas palavras do autor:

Nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso) – os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-se no próprio grupo tomado como referência ideal, quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior (BAUDRILLARD, 2010, p. 66).

Nesse sentido, há uma corroboração de Campbell, ressaltando que a identidade não deriva do produto consumido, mas “que o verdadeiro local onde reside a nossa identidade deve ser encontrado em nossas reações aos produtos e não nos produtos em si” (CAMPBELL, 2006, p. 52-53).

Retratando o papel do consumo como uma possível parte constituidora de identidades, faz-se necessário trazer à discussão outro fator relevante, que é o papel da cultura como norteadora desse consumo. Ao trazer a cultura para essa discussão, é possível compreender como determinados produtos têm determinados significados, de acordo com a cultura em que estão inseridos, como salientam Douglas e Isherwood (2006, p. 123): “Os bens são usados para marcar, no sentido de categorias de classificação.” Exemplificando, no artigo Saia com essa saia daqui: um olhar sobre o movimento Saiaço, Postinguel (2013) apresenta uma discussão gerada pela repercussão (discriminatória) acerca do uso de saia por um adolescente da cidade de São Paulo. O mesmo acontecia com o cantor, ao consumir objetos tidos como do universo feminino, para compor a identidade de Matogrosso.

Em um excerto de uma reportagem publicada no portal de notícias *Terra*, mas concedida à Agência Efe, é possível visualizar o consumo de produtos considerados atípicos ao universo masculino daquela época, para caracterizar o personagem. Segundo a reportagem, “Ney fez da ambiguidade e da sexualidade parte fundamental de sua arte, incorporando saias, maquiagem, trajes de flamenco, máscaras e movimentos sensuais em suas apresentações” (NEY, 2013).

É nesse sentido que cultura e consumo são interligados e indissociáveis, pois todo o processo de seleção, escolha, aquisição, uso, fruição e descarte de um bem ou serviço, ou ainda de uma “identidade”, como querem os pós-modernos, só ocorre e faz sentido dentro de um esquema cultural específico (BARBOSA, 2006, p. 108).

O papel da cultura como condutora de determinado(s) tipo(s) de consumo funciona como uma “espécie de código” (BARBOSA, 2006, p. 109) que fornece referencial de pessoas, assim como de localidades (grupos e sociedades). Corroborando nessa perspectiva, Baudrillard (2010, p. 91) ressalta que “o consumo surge como sistema que assegura a ordenação dos signos e a integração do grupo; constitui simultaneamente uma moral (sistema de valores ideológicos) e um sistema de comunicação ou estrutura de permuta”.

O grande entrave que pode surgir na tríade “cultura, consumo e identidade” dá-se, como ocorreu com o cantor Ney Matogrosso, quando um

homem, na busca pela construção de uma identidade, consome determinados objetos que, em uma dada cultura, tenham simbolismo e significado que remetam ao universo feminino. Para entender o evento e até mesmo seus desdobramentos, levando em consideração alguns depoimentos do próprio cantor, a seguir se recorrerá a leituras acerca de ética e da moral, buscando, conforme anteriormente apresentado, se a atuação do cantor, de fato, rompia e/ou contestava os padrões hegemônicos da época.

Sigo minha vida, em vez de seguir por trilhos

Em meio a todo esse processo identitário que emergia por parte de Ney, buscando dar vida a Ney Matogrosso, enfatiza-se também a relevância político-sociocultural em que estava inserido tanto o país quanto o restante do mundo e como isso impactou tanto na *performance* quanto na cotidianidade do cantor.

Focando neste primeiro momento numa perspectiva local, eclodia em meados de 1964 a ditadura militar. Além de todo o cerceamento aos direitos civis, já discutidos anteriormente, existia, como aponta Queiroz (2009, p. 13), um enfrentamento mediante “a construção social de um corpo transgressor e o processo de legitimação da autonomia artística do cantor em relação à censura moral intensificada durante o regime militar”.

Para pontuar o momento de emergência de Secos & Molhados e, principalmente, do cantor, destacam-se dois momentos, díspares mas concomitantes, por que passava o país. De um lado, a forte repressão civil-política, instaurada no Brasil e em outros países da América Latina; de outro, e proporcionalmente inverso, os ideais do movimento hippie, que se espalhavam pelo mundo, assim como o conhecido Maio de 1968, que ensejava a liberdade. Em um breve adendo, Comte-Sponville (2005) faz uma passagem desse momento (Maio de 1968), que o próprio autor relata ter presenciado.

Lembrem-se os que viveram essa época, com a moral nós geralmente nos preocupávamos muito pouco. A moda, naqueles anos, era muito mais o imoralismo, a libertação geral e irrestrita. Os mais filosóficos dentre nós reivindicavam Nietzsche: queríamos viver além do bem e do mal. Quanto aos que não eram filósofos, contentavam-se com pichar os muros da faculdade ou com ler – e quase sempre aprovando – os belos lemas de então. Vocês se lembram? “É proibido proibir” ou “Vivamos sem tempos mortos, fruamos sem limites” (COMTE-SPONVILLE, 2005, p. 20).

Logo os movimentos do *É proibido proibir* desembarcariam em terras brasileiras e, chegando aqui, se deparariam com o regime militar. De um lado, movimentos de libertação, de confronto, até mesmo de resistência a valores disseminados como aceitos pela moral; do outro, os militares impondo deveres à população e cerceando-lhes os direitos. O enfrentamento desses, por assim dizer, *movimentos dicotômicos* proporcionou algumas manifestações

artísticas, culturais e políticas, ensejadas, principalmente, por grupos com um pensamento político de esquerda.

Na efervescência do momento, destaca-se o movimento Tropicália, em especial, o cantor Caetano Veloso, que viria a inspirar Ney Matogrosso, anos depois. Esse movimento eclode do combate de forças ideológicas: de um lado, os ideais de libertação que se espalhavam pelo mundo; de outro, o cerceamento dos direitos civis e políticos que o regime militar havia instaurado no país. Esse ambiente fascinou Ney ainda mais.

Antes de prosseguir, Hoff (2008), abordando a emergência da publicidade no Brasil, traz um adendo pertinente acerca do Tropicalismo. Segundo a autora:

A década de 1960 foi particularmente fértil no que se refere à percepção de uma identidade brasileira pelos movimentos sociais e culturais: o tropicalismo é um exemplo. Movimentos sociais de origem estrangeira, que agitavam a cena mundial, também marcaram presença no Brasil e intensificavam a compreensão de nossos valores socioculturais (HOFF, 2008, p. 176).

Queiroz (2009), complementando, ressalta que, ao abordar as manifestações artísticas da época, em especial a musical, relata que:

Dessa maneira, tal movimento musical, sobretudo com a ruptura estética de gêneros, presente na performance do cantor Caetano Veloso, veio a contribuir mais à frente para o comportamento em cena do artista Ney Matogrosso, sobretudo no aspecto comportamental, transgressor das normas e condutas morais do momento intensificadas pelo regime militar. Segundo Ney Matogrosso, o advento do movimento tropicalista no final dos anos 60 propiciou seu surgimento artístico, bem como assegurou sua permanência artística no cenário da Música Popular Brasileira durante os anos 70. Sem esses antecedentes, compreende o cantor, que não teria sido possível sua existência enquanto artista (QUEIROZ, 2009, p. 40).

De fato, essa onda de movimentos contestadores contribuiu para potencializar a construção e a consequente atuação de Ney Matogrosso nos palcos, naquela época; contudo, é preciso enfatizar que “o cantor Ney Matogrosso admite ter simpatizado por alguns segmentos das esquerdas, entretanto nunca aderiu nem se vinculou a qualquer partido ou mesmo movimento” (QUEIROZ, 2009, p. 41).

A fala de Ney se faz oportuna, pois em entrevista concedida tanto a Marília Gabriela (GABI, 2013) como ao *Almanaque de Cultura Popular* (s/d), ao ser indagado sobre quem era Ney (referindo-se tanto à pessoa quanto ao personagem), eis que o cantor responde: “Eu não vou caminhar por trilhos. Vou determinar na minha vida o que é sim e o que é não; o que me interessa e o que não me interessa; o que devo ou não fazer.”

Ao ressaltar que não queria seguir por trilhos predeterminados, mas viver da forma que achasse correta, estaria o cantor afrontando a moral? Ainda nessa discussão, é possível falar de ética? Na definição proposta por

Comte-Sponville (2005, p. 67) para moral e ética, o autor relata: “Proponho, embora à custa de simplificar muito, entender por ‘moral’ tudo o que se faz por dever e por ‘ética’ tudo o que se faz por amor.” Já Fraser (2007, p. 103) relata que “algumas das mais espinhosas dessas questões concernem à relação entre moralidade e ética, entre o correto e o bem, entre a justiça e a boa vida”. Dessa forma, será adotada, neste artigo, a ideia de moral como justiça, como dever (o que é o correto), e a de ética como “a boa vida”, aquilo que faço e que me faz bem, como diz Comte-Sponville (2005), aquilo que faço com amor.

Com as contribuições do cantor e, agora, com as conceituações apresentadas, pode-se dizer que Ney tanto contestava os valores morais vigentes na época, podendo ser considerado imoral, quanto era ético consigo mesmo, pois vivia e tomava suas decisões baseando-se naquilo que era certo para si, e não seguindo o que era imposto como correto por um grupo.

Contudo, tamanha ousadia lhe custou um preço a ser pago. O fato de não seguir pelos trilhos por onde todos seguiam impactava de uma forma ou de outra sua vida.

Homem com H maiúsculo

Além da atuação de Ney Matogrosso dentro e fora dos palcos, seu repertório musical (desde a atuação na banda Secos & Molhados até em sua carreira solo) afrontava a moralidade da época. Composições como “O Vira”, “Homem com H” e “Mal necessário” traziam em suas melodias versos como: “Vira, vira, vira homem”; “Porque eu sou é homem, menina, eu sou é homem”; “Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher”. Versos transgressores, andróginos e, de certa forma, provocativos para a época.

O ato de trazer para a discussão algumas de suas melodias dá-se no sentido de ampliar a percepção do processo de construção identitária *do personagem*. A inserção das melodias, aqui, busca enfatizar que a performance de contestação do cantor não se pautava somente na indumentária, era preciso que estivesse em todo o plano artístico – nesse caso, até mesmo no canto. No entanto, salienta-se que o foco deste artigo é a análise e o posterior entendimento da figura de Ney Matogrosso e não suas melodias, o que recorreria a uma análise de discurso.

Dando continuidade (e conforme abordado anteriormente), o país, principalmente no aspecto político, passava por um momento delicado e tenso. Entre todos os movimentos que contestavam o autoritarismo dos militares no poder, pode-se dizer que, de certa forma, a atuação de Ney Matogrosso, com sua expressão artística, tensionava os valores da época. Contudo, destaca-se um ponto importante, entendido aqui como uma possível consequência de sua atuação transgressora. Em entrevista concedida ao *Almanaque de Cultura Popular* (s/d), Ney enfatiza o *frisson* que causou ao aparecer, na mídia, travestido daquela forma e como isso afetou, de certa forma, negativamente a banda. Segundo o próprio Ney:

A imprensa ficou meio chocada e agressiva comigo. O Jornal do Brasil dizia que eu era um travesti e que, portanto, não podia falar meu nome, já que não citava travestis. Nunca tentei ser mulher. Adorava ter o peito cabeludo e expor meu peito cabeludo. Sabia exatamente onde estava mexendo. Tinha consciência. Que conversa é essa de que tudo tem de ser igual? Eu não vou caminhar por trilhos. Vou determinar na minha vida o que é sim e o que é não; o que me interessa e o que não me interessa; o que devo ou não fazer (*ALMANAQUE DE CULTURA POPULAR, s/d*).

Resgatando Bakhtin (1987, p. 10), no livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, ao descrever sobre a ideia de carnavalização como sendo de uma ordem cultura e social, que buscava “pela lógica original das coisas ‘ao avesso’, ‘ao contrário’, das permutações constantes do alto e do baixo (‘a roda’), da face e do traseiro, e pelas diversas formas de paródias, travestis, degradações, profanações, coroamentos e destromamentos bufões”, satirizar, por exemplo, o poder. De certa forma, se trouxermos essa ideia de carnavalização para a década de 1960, pode-se enxergar, na atuação do cantor, certa paródia, tanto em relação ao regime militar quanto em relação ao que, na época, era entendido como “ser homem”, pois seus trejeitos destoavam do que habitualmente era entendido como uma postura masculina.

O fato de o personagem Ney Matogrosso ser rotulado de travesti – em alguns casos, de ser chamado até de homossexual – advinha, como elucida Fraser (2007), do fato de a cultura dominante não o considerar homem, ou seja, do não reconhecimento de Ney como igual aos demais homens da época. Corroborando o entendimento, Goffman (1985) ajuda-nos a compreender por que Ney Matogrosso era estereotipado de tal maneira. Segundo o autor:

Se o indivíduo lhes for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante deles ou, o que é mais importante, aplicar-lhe estereótipos não comprovados. Podem também supor, baseados na experiência passada, que somente indivíduos de determinado tipo são provavelmente encontrados em um dado cenário social (*GOFFMAN, 1985, p. 11*).

Ainda na perspectiva de Goffman (1985), a necessidade de ter informações acerca de um indivíduo permite aos demais conhecer, antecipadamente, o que será esperado dele, assim como o que ele espera dos demais. Essa necessidade imediata de procurar reconhecer o outro implica, na perspectiva de Moscovici (2003), criarem-se representações sociais que possam compreender o dito “estranho”. Segundo o próprio autor:

A motivação para a elaboração de representações sociais não é, pois, uma procura por um acordo entre nossas ideias e a realidade de uma ordem introduzida no caos do fenômeno ou, para simplificar, um mundo complexo, mas a tentativa de construir uma ponte entre

o estranho e o familiar, e isso à medida que o estranho pressupõe uma falta de comunicação dentro do grupo, em relação ao mundo, que produz um curto-circuito na corrente de intercâmbios e tira do lugar as referências da linguagem (MOSCOVICI, 2003, p. 207).

Apropriando-me das contribuições de Moscovici (2003, p. 207) para ajudar-nos no entendimento de por que a banda e, principalmente, Ney Matogrosso eram considerados travestis, o autor relata que, ao se fazer essa ponte, em se buscar, no familiar, compreender o estranho, “essas representações tendem para o conservadorismo”.

Para Goffman (1985, p. 29) o termo “representação” refere-se “a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. Moscovici (2003, p. 208) complementa que “as representações sociais têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não problemática e reduzir o ‘vago’ através de certo grau de consenso entre seus membros”.

As representações se mostram semelhantes a teorias que ordenam ao redor de um tema (as doenças mentais são contagiosas, as pessoas são o que elas comem, etc.) uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante (MOSCOVICI, 2003, p. 200-201).

Buscando compreender assim o estereótipo que recebeu Ney Matogrosso, ou como salientou anteriormente Moscovici, *na possibilidade de classificar pessoas*, percebe-se o papel relevante do consumo nesse processo, pois mediante os objetos que eram consumidos por ele, sua dimensão simbólica e os trejeitos do cantor em suas apresentações, circulava, pela sociedade, uma representação de que *esse personagem* era homossexual.

Caminhando-se para o final, essa mídia que, de certa forma, censurou a divulgação da banda, é a mesma mídia, também fruto de uma indústria cultural, que permitia que a banda, assim como Ney Matogrosso, conseguisse espaço para contestar a moralidade da época.

Considerações finais

O presente artigo, antes de tudo, mostra a relevância dos estudos acerca do consumo, podendo ser destacados três momentos. No primeiro, a ideia do consumo como ato de nortear a construção ou confirmação de uma identidade. Em um segundo momento, e decorrente disso, o consumo pode ser visto como um ato de pertencimento e até mesmo de exclusão de grupos sociais. E, por fim, como terceiro elemento, o consumo corrobora para a circulação de representações sociais.

Trazendo para o contexto da pesquisa, Ney se mune do consumo de

determinados objetos, para dar vida a Ney Matogrosso; logo, o consumo de objetos considerados pela sociedade como pertencentes ao universo feminino culminou na antecipação de estereótipos por parte da sociedade da época, pelo fato de não reconhecerem em Ney uma postura masculina condizente com a da época.

Dando continuidade, pode-se afirmar que o cantor contestou os padrões hegemônicos, principalmente aqueles relacionados a representações do que é ser homem, podendo ser nitidamente visualizado em suas apresentações, assim como em algumas melodias, tanto da época de Secos & Molhados quanto em sua carreira solo.

Se, de um lado, o cantor confrontava-se com a moral da época, por outro, conforme a bibliografia consultada, poderíamos considerá-lo ético, pois conduzia sua vida mediante o que achasse valer a pena, não seguindo os ditames da sociedade, como ele mesmo dizia: “Viver sobre trilhos predeterminados.”

Com relação à censura, tantos seus shows quanto a divulgação da banda sofriram boicotes. Esses fatos vêm reforçar que, sim, a identidade de Ney Matogrosso tensionou uma época autoritária de nosso país; contudo, não se pode deixar de enfatizar que mesmo a mídia, embora muitas vezes se negasse a citá-lo, lhe conseguia espaço para contestar, afrontar e, por fim, transgredir as normas da época.

Sem dúvida, tanto Ney de Souza Pereira quanto Ney Matogrosso foram e são fundamentais para trazer à academia uma discussão sobre como alguns movimentos que despontaram em meados da década de 1960 conseguiram alicerçar e até mesmo inaugurar as discussões sobre as novas experiências de masculinidade, que emergem todos os dias. Da *não* necessidade de se afirmar, cotidianamente, por uma virilidade masculina.

Referências bibliográficas

ALMANAQUE DE CULTURA POPULAR. Ney Matogrosso. s/d. Disponível em: <<http://www.almanaquebrasil.com.br/personalidades-musical/7975-qqe-conversa-e-essa-de-que-tudo-tem-de-ser-igualq.html>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BARBOSA, Livia. Cultura, consumo e identidade: limpeza e poluição na sociedade brasileira contemporânea. In: _____; CAMPBELL, Colin. (Orgs.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2010.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. (Orgs.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. *O capitalismo é moral?: sobre algumas coisas ridículas e as tiranias do nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? *Lua Nova*, São Paulo, n. 70, p. 101-138, 2007.

GABI quase proibida. SBT, 2013. Exibição em: 26 jun. 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_6_Mg5eWIjY>. Acesso em: 13 maio 2014.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

HOFF, Tânia. Notas sobre consumo e mercado no Brasil a partir das representações de corpo na publicidade. In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). *Comunicação e culturas do consumo*. São Paulo: Atlas, 2008.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUNIZ, Clarice. Ney Matogrosso. *Revista Contigo*, São Paulo, 2008. Disponível em:<http://www2.uol.com.br/neymatogrosso/imp_jun08_02.html>. Acesso em: 11 dez. 2013.

NEY Matogrosso: minha música é um ato de confronto consciente, *Terra*, São Paulo, 9 nov. 2013. Disponível em:<<http://noticias.terra.com.br/brasil/ney-matogrosso-minha-musica-e-um-ato-de-confronto-consciente,52560b74c2232410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

POSTINGUEL, Danilo. Saia com essa saia daqui: um olhar sobre o movimento Saião. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL EM COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 3, 2013, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Comunicon, 2013.

QUEIROZ, Flávio de Araújo. *Ney Matogrosso: sentimento contramão, transgressão e autonomia artística*. 2009. 271p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

ROCHA, Rose de Melo. Comunicação e consumo: por uma leitura política dos modos de consumir. In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). *Comunicação e culturas do consumo*. São Paulo: Atlas, 2008.